

CATÁLOGO DE TESTES PARA JOVENS JOGADORES DE FUTEBOL: ANÁLISE DA AVALIAÇÃO SUBJETIVA E PERSPECTIVAS PARA ACOMPANHAMENTO EM LONGO PRAZO

Everton Luis Bezerra¹,
 Enrique Osvaldo Cimaschi Neto²,
 Larissa Rafaela Galatti³,
 André Luiz Leite Rodrigues⁴,
 Charles Ricardo Lopes⁵

RESUMO

O objetivo dessa pesquisa foi aplicar um catálogo de testes em jovens futebolistas entre 14 e 16 anos (14 atletas), pré-selecionados em um clube profissional de futebol pelo método subjetivo, observando se este modelo de seleção foi efetivo para a detecção e seleção de jovens atletas. Os dados apurados nos quesitos maturação biológica, resistência aeróbia e anaeróbia, força de membros inferiores, velocidade, estresse psicológico, habilidades motoras, valores antropométricos e inteligência tática apresentaram resultados similares ou superiores aos apresentados na literatura, sinalizando que a seleção subjetiva atendeu adequadamente ao seu propósito, sendo sugerido o catálogo de testes para acompanhamento em longo prazo, visando o ótimo desenvolvimento dos jovens atletas.

Palavras-chave: Futebol. Treinamento de Jovens. Avaliação.

ABSTRACT

Catalog tests for young Football players: analysis of subjective evaluation and prospects for long-term monitoring.

The purpose of the present study was to apply a catalog of tests on young Football players between 14 and 16 years (14 athletes), pre-selected in a professional Football club by subjective method, investigating whether this model selection was effective for the detection and selection young athletes. The data collected in the categories biological maturation, aerobic and anaerobic endurance, lower limb strength, speed, psychological stress, motor skills, anthropometric parameters and tactical intelligence showed results similar or superior to those reported in the literature, suggesting that subjective selection responded properly to their purpose. Therefore, the test catalog was suggested for monitoring long-term, seeking the optimal development of young athletes.

Key words: Football. Youth Training. Evaluation

1-Bacharel em Educação Física pela Escola Superior de Cruzeiro - ESC e especialista em Treinamento Desportivo UGF.

2-Professor Assistente II da Universidade de Taubaté da Escola Superior de Educação Física de Cruzeiro.

3-Docente da Universidade Federal de Santa Catarina (CDS-UFSC); pesquisadora do GEPEP-FEF-UNICAMP e IADE-UDC.

4-Bacharel em Educação Física pela Escola Superior de Cruzeiro-ESC.

5-Docente no Programa de Mestrado em Educação Física - FACIS/UNIMEP e da Faculdade Adventista de Hortolândia.

E-mail:

profef.everton@hotmail.com

enriquelaba@hotmail.com

lagalatti@yahoo.com.br

andreluizpaulistao@hotmail.com

charles_ricardo@hotmail.com

Endereço para correspondência:

Charles Ricardo Lopes

Faculdade de Educação Física, UNIMEP,
 CEP: 13400-911, Piracicaba-SP, Brasil

Fone: 19 31241503

INTRODUÇÃO

O processo de seleção e detecção de talentos esportivos é constantemente discutido na área do esporte (Hebbelink, 1989; Lanaro Filho e Böhme, 2002; Böhme, 2007; Joch, 2005; Kiss, 2004).

A busca por talento tem seu alicerce, majoritariamente, em fatores subjetivos, baseados nas experiências e intuição de profissionais, sejam eles técnicos esportivos, empresários ou os famosos “olheiros”, que circundam as instituições esportivas que se dedicam ao futebol, em especial os clubes.

Para Lanaro Filho e Böhme (2001) “talentos” são pessoas que exercem uma ou mais tarefas motoras e ou intelectuais acima da média da população.

No treinamento esportivo, utilizam o termo “talento esportivo” em referência ao indivíduo que, por meio de suas condições herdadas e adquiridas, possui uma aptidão especial para o desempenho esportivo, acima da população em geral (Böhme, 2007).

Para Martin e colaboradores (1999) a capacidade de desempenho esportivo se dá a partir da observação de parâmetros que possam ser medidos e avaliados-julgados; no futebol – modalidade a que se dedica este artigo – são espaços de observação uma apresentação, o desempenho em jogo, o resultado de uma partida ou a classificação em uma competição. O desempenho depende dos pressupostos individuais e as solicitações de desempenho.

Os pressupostos individuais de desempenho são divididos em psíco-cognitivos (personalidade, capacidade tática), neuromusculares (coordenação intra e inter muscular), orgânico-energéticos (consumo energético) e constitucionais (medidas antropométricas, prevalência de fibras).

Já as solicitações de desempenho estão relacionados a tarefa: promoção de treinamentos e competições adequadas ao atleta: volume e intensidade de cargas, grau de dificuldade de aprendizagem do movimento e situações de jogo, estado de estabilização das diferentes capacidades.

Encontrar crianças e jovens jogadores de futebol talentosos não é tarefa simples, pela multiplicidade de fatores que influem no desempenho e pela diversidade de questões pessoais que envolvem a manutenção ou distanciamento da criança ou jovem na

modalidade; mais desafiador é mantê-los em longo prazo no esporte, com expectativas de desempenho profissional de qualidade.

O treinamento em longo prazo que respeite as características individuais e os princípios de treinamento em cada idade pode contribuir efetivamente para que jovens atletas tenham desempenho ótimo: melhores resultados possíveis nas idades adequadas para os mesmos (Böhme, 2000 e 2007; Kiss, 2004).

Pode também, se inadequado, afastar crianças e jovens atletas da prática esportiva, em processos como o da especialização precoce.

Assim, é importante acompanhar múltiplos fatores que possam influir no desenvolvimento esportivo do jovem atleta, a partir de um catálogo de treinamento considerando as características específicas de cada modalidade, em nosso caso, o futebol (Weineck, 2000).

Diante do exposto, este estudo tem como objetivo elaborar e aplicar um catálogo de detecção e seleção das características e desenvolvimento do jovem atleta, facilitando o desenvolvimento do talento esportivo no contexto do futebol, considerando a dimensão motora, cognitiva e psicológica específicas da modalidade.

Além disso, busca identificar se a seleção subjetiva pode ser bem sucedida na escolha de novos jogadores de futebol.

MATERIAIS E MÉTODOS

O estudo tem característica de pesquisa experimental qualitativa e quantitativa, considerando que permitissem avaliar os 14 atletas praticantes de futebol de campo que constituem nossa amostra, com idade de 14 a 16 anos, pré-selecionados para incorporar um clube de futebol profissional, que possui categoria de base do estado de São Paulo.

A pré-seleção se deu pelo modo subjetivo/empírico, classificado por Bompa (2002) como método natural, no qual não se faz uso de nenhum artifício científico durante a escolha de novos atletas. Estas avaliações foram feitas pela comissão técnica e coordenadores clube.

Para verificar se essa avaliação foi exitosa, assim como para somar informações que possibilitem o desenvolvimento do

trabalho com os jovens atletas, fez-se necessário o uso de recursos materiais e diferentes instrumentos e protocolos, descritos na sequência.

Materiais

Durante este estudo foi utilizado uma filmadora da marca Sony PRH 345 digital, uma tabela de estágios de maturação através das genitais proposto por Tanner citado por Chipkevitch, (2001) 2 cronômetros da marca TIMEX, 2 apitos da marca FOX Perl 40, um espelho de 1,20m x 0,80cm, 20 cones em PVC de 20 cm, uma balança da marca Sanny, uma trena de fibra de vidro 10m importada da marca WESTONS, um adipômetro científico da marca Cescof, 10 bolas de futebol de campo da marca Tooper, 30 grelhas de avaliação de teste de KORA:O.O.

Coletas de dados

Os testes foram divididos em dois dias consecutivos. No primeiro dia foram coletados os dados de peso, altura, dobras cutâneas, perfil psicossocial, flexibilidade, velocidade, agilidade e resistência aeróbia.

No segundo dia análise da maturação biológica, habilidade motora, inteligência tática, força de membros inferiores e resistência anaeróbia.

Todos os participantes e responsáveis deste estudo foram informados sobre os procedimentos a que iriam ser submetidos e assinaram voluntariamente um termo de consentimento livre e esclarecido.

Para avaliar a inteligência tática foi usado o teste de KORA: OO validada por Memmet em 2002 (Gaicomini e Greco, 2008).

O perfil psicossocial foi traçado a partir da avaliação de perfil psicológico adaptados dos testes de carga psíquicas (Loehr, 1995) e o questionário de incentivo a prática esportiva de Cavasini e Matsudo (1980).

Para analisar o nível de maturação biológica dos atletas foi usada a tabela de Tanner, recorrendo a fotografias para a determinação das características sexuais secundárias (Araújo Junior, 2006).

Para Avaliação antropométrica foram coletadas altura, peso e dobras cutâneas. Peso e altura seguiram a padronização Vivolo, Matsudo e Caldeira (1979). Ainda quanto à altura, foram solicitadas as alturas do pai e da

mãe para cálculo matemático de probabilidade da altura adulta do indivíduo (Weineck, 2000) pelo cálculo: (ALTURA do PAI + ALTURA da MÃE) X 1,08/2. Para as coletas de dobras cutâneas foi usado um compasso da marca Cescof com precisão de 0,1 mm, sendo mensuradas sete pregas de adiposidade subcutâneas, sendo elas: tríceps, axilar média, peitoral, subescapular, supra-ílicas, abdômen e coxa medial. As dobras foram mensuradas três vezes, sempre no hemitórax direito do indivíduo, sendo considerado a média das três medidas Nobre e colaboradores (2009).

A estimativa das medidas coletadas foram equacionadas através da fórmula matemática preconizada por Jackson e Pollock (1978) e os cálculos foram realizados por um software de avaliação física (Nobre e colaboradores, 2009).

As capacidades de desempenho contaram com seis testes: para agilidade foi adotado o Shuttle Run 10x5 do Eurofit Program Council of Europe (1988) para velocidade o teste de corrida de 30 metros (V30m); a avaliação da força dos membros inferiores foi pelo teste de salto horizontal PROESP-BR (1998); a resistência anaeróbia foi avaliada pelo Teste de 40 segundos (40s) proposto por Matsudo (1979); a resistência aeróbia foi expressa em volume Máximo de oxigênio usado durante o exercício (VO_{2max}), mensurado através do teste de Cooper citado por Carnaval, (1998) pelo cálculo matemático de (Distância em metros) – 504 / 45; por fim, o teste de flexibilidade adotado foi o de sentar e alcançar (cm) proposto por PROESP-BR (1998).

Para as habilidades motoras foram realizados três testes: o Soccer Dribble Test (Mccable, Mcardle, 1978), o teste de habilidade de passe e o teste de habilidade de chute (Martins e Pena, 2009), este na Figura 1.

Análises dos dados

Os dados foram analisados através das médias, porcentagens e desvio padrão, utilizando-se como variáveis os dados obtidos nos testes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise se iniciou pela avaliação psicossocial, sinalizando dados individuais e familiares dos atletas. Na avaliação

psicológica o grupo teve média de 35,75 pontos, tendo o teste função de avaliar as dificuldades do indivíduo perante possíveis situações dos jogos e treinos (Brandão, 1993). Em análise de atletas e treinadores brasileiros, Samulski e Chagas (1992) observaram que atletas entre 15 e 18 anos, em sua maioria, não conseguiram atingir um nível ótimo nos requisitos concentração agressividade,

nervosismo exagerado, medo e descontrole em seu comportamento.

Nosso grupo, apesar de mais jovem, apresentou bons resultados nos quesitos forma de lidar com o erro, força de vontade, ansiedade, agressividade.

Complementando o perfil psicossocial, os gráficos 1 e 2, mostram o grau de interesse dos pai e da mãe para que o jovem pratique uma modalidade desportiva.

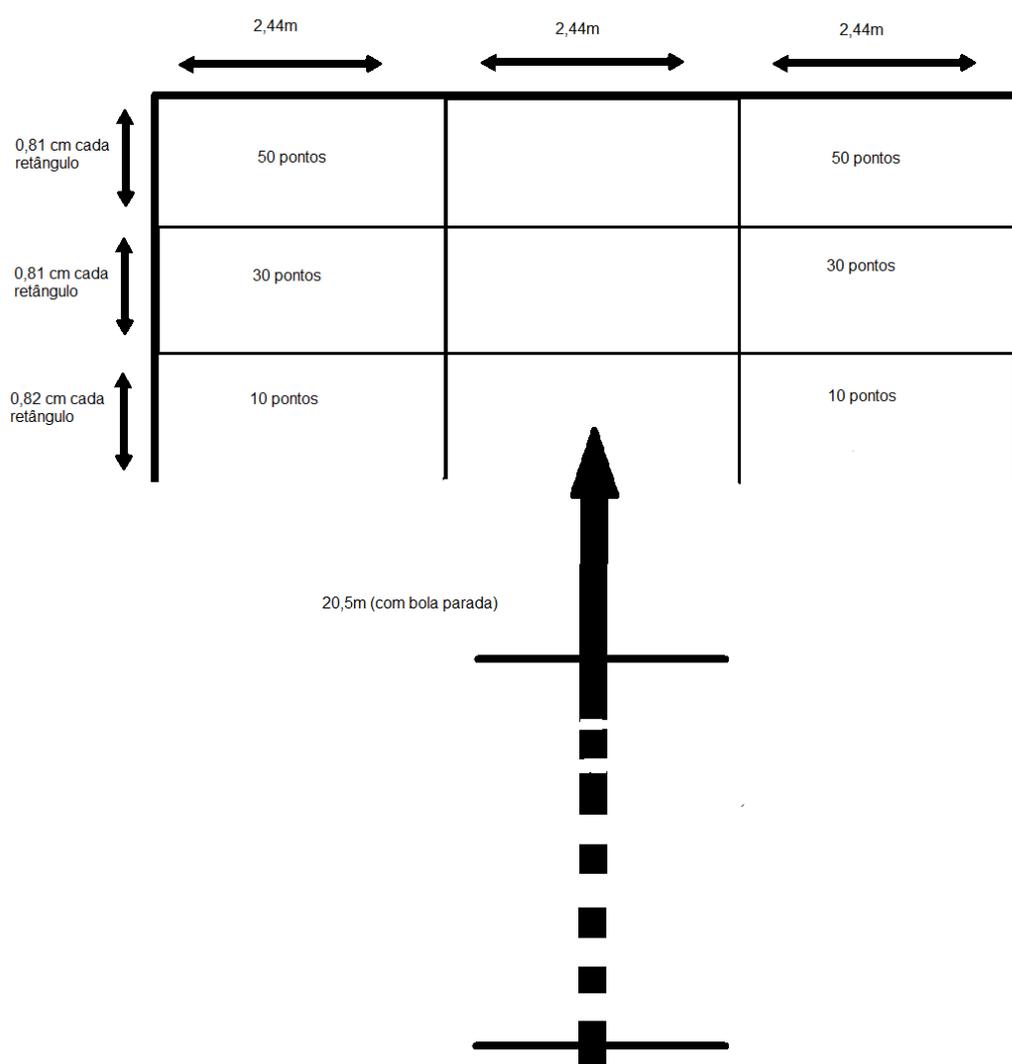


Figura 1 - Teste de habilidade de chute (Martins e Pena, 2009).

Tabela 1 - Relação das variáveis com os critérios de avaliação psicológica.

Variáveis	1	2	3	Pontos
Média	0,56	4,19	9,06	35,75
DP	+1,15	+2,61	+2,79	+3,75

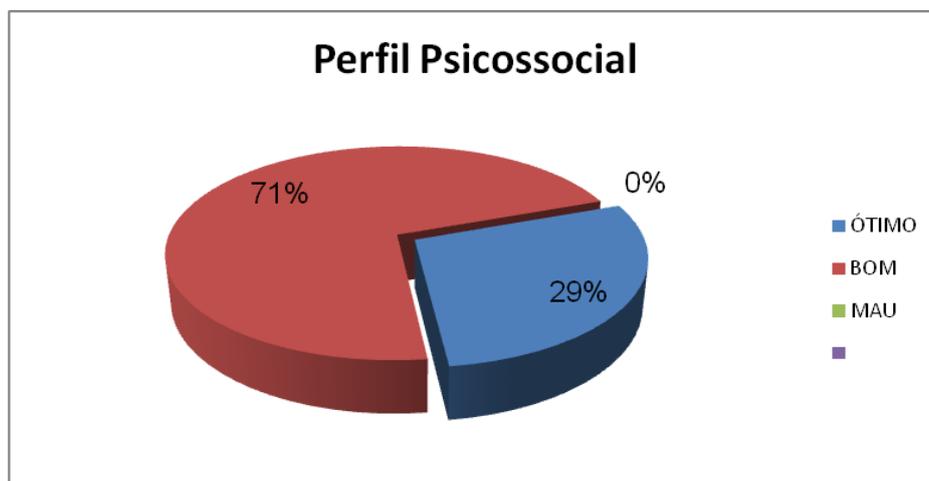


Gráfico 1 - Interesse do pai para que o indivíduo pratique o esporte.

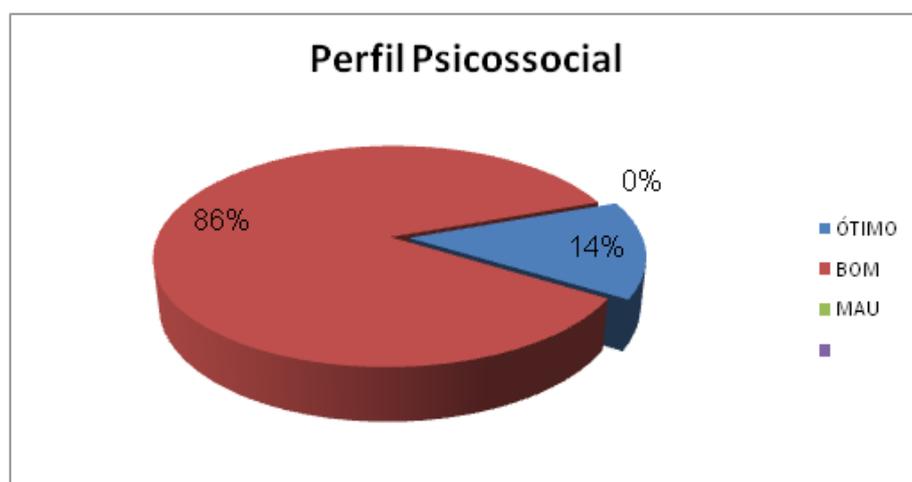


Gráfico 2 - Interesse da mãe para que o indivíduo pratique o esporte.

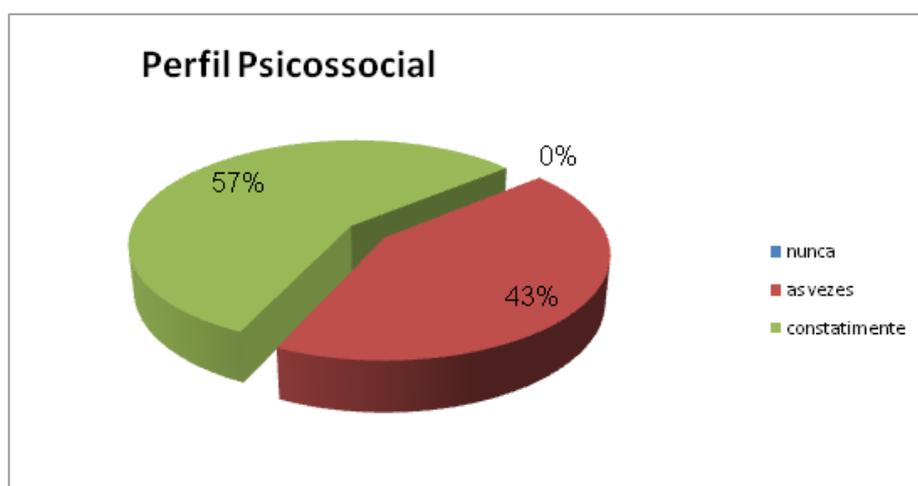


Gráfico 3 - Se os pais costumam perguntar sobre os jogos e treinamento.

Todos os jovens classificaram como bom ou ótimo o envolvimento dos pais em sua atividade esportiva, sendo o do pai mais satisfatório (29% de ótimo, diante de 14% das mães). Corroborando o estudo de Simões e colaboradores (1999), no qual os pais

incentivam mais seus filhos para a prática esportiva que as mães.

O gráfico 3 demonstra o interesse dos pais pelos jogos e treinamentos, enquanto o 4 apresenta a pessoa que mais incentivou o envolvimento com o futebol.



Gráfico 4 - Quem mais incentivou a praticar o desporto.

O interesse dos pais pelos jogos e treinamentos, apresentam valores significativos: 57% constantemente, seguida de 46% as vezes; nenhuma resposta foi de desinteresse.

Este suporte familiar é fator importante, como destaca Cavasini e Matsudo (1980), já que a modificação no grupo familiar e incentivo, sobretudo dos pais, propicia que o indivíduo se dedique ao desporto (Simões e colaboradores, 1999; Cavasini e Matsudo, 1980).

Quanto à pessoa de incentivo para a prática esportiva, 50% manifestou motivação

intrínca, os pais incentivaram 36% dos garotos e 14% teve influencia dos amigos. O estudo de Cavasini e Matsudo (1980) também teve o maior percentual nessa questão, o que é positivo, pois parece ser relevante sinal de autoconfiança.

Sobre o desenvolvimento maturacional, a partir da análise de genitais, a tabela 1 evidencia que o grupo possui um maior número de atletas no estágio G4 da maturação (60%), em escala onde G1 é o grupo menos maduro e G5 o mais maduro.

Tabela 2 - Desenvolvimento maturacional dos atletas pré selecionados.

Estágio de maturação	G1	G2	G3	G4	G5
Nº de atletas	1	1	2	9	1
%	6,67	6,67	13,33	60	6,67

A maioria dos analisados se encontram no estágio normal esperado, de acordo com a classificação de Lima e colaboradores (2008), estão nos estágios G2, G3 e G4 (14 – 16 anos), considerados púberes. Em contrapartida, um dos atletas pré-selecionados manifestou desenvolvimento tardio e somente um desenvolvimento precoce.

Weineck (1999) afirma que a melhor fase de desenvolvimento e a segunda fase puberal da adolescência por volta de 14 anos, pois nessa fase o jovem atleta tem um grande aumento de força e a capacidade cognitiva de memorizar e realizar movimentos complexos, fator de suma importância para o desempenho esportivo.

Quanto aos dados antropométricos as médias apresentadas foram: percentual de

gordura 8,03%, altura 1,68 cm, peso de 57,82Kg e estimativa de altura adulta de 1,81cm, conforme expõe a Tabela 3.

A altura esperada em não atletas no nível de maturação estágio 4, em idade entre 14 e 16 anos é entre $1,67 \pm 7,4$ á $1,70 \pm 6,1$ e para massa corporal em Kg de $53,3 \pm 8,1$ á $58,1 \pm 5,8$ (Nobre e colaboradores, 2009).

Quintal (2005) sinaliza estudos com jogadores juvenis finlandeses, Italianos e belgas na idade entre 14 a16 anos, com altura entre 1,68 cm e 1,74 cm e peso corporal entre

52,3 e 69,9Kg. Nesta idade Malina (1989) encontrou percentual de gordura entre 6,9 e 9,3%. Os achados de nossa pesquisa são semelhantes às demais apresentadas. Quanto à estimativa de altura na idade adulta, nosso grupo está acima de média $1,78m \pm 6,3cm$ (Nobre e colaboradores, 2008), o que é positivo, dado que a media de estatura de futebolistas tende a aumentar.

A Tabela 4 sintetiza os dados referentes às capacidades de desempenho.

Tabela 3 - Valores antropométricos dos avaliados.

14 Atletas	% Gordura	Alturas (m)				
		Atleta	Pai	Mãe	Média na vida adulta	Peso (Kg)
Média	8,03	1,68	1,74	1,62	1,81	57,82
DP	+3,42	+0,08	+0,06	+0,08	+0,07	+9,4

Tabela 4 - Distribuição dos elementos das capacidades de desempenho dos avaliados.

Nº Atletas 14	Res. Aeróbia		Res. Anaeróbia		Força	Agilidade	Flexibilidade	Velocidade
	VO ₂ max (ml/kg/min)	Clas.	Distância (m)	Metros	(s)	(cm)	(s)	
Média	47,15	3,71	251,07	2,1	20''96'''	103,21	5''05'''	
DP	+3,64	+0,82	+8,8	+6,07	+259	+8,26	+31''79'''	

Quando à média do consumo do oxigênio, a do grupo estudado foi de 47,15 l/min. (Pereira, 2007) apresentam o valor de 50 a 61, l/min, para jovens futebolistas entre 14 e 18 anos; Reilly (1997) sugere valores entre 56 e 59 l/min; assim, observamos que os atletas pré-selecionados necessitam melhor desenvolver essa capacidade, importante na manutenção no nível geral de preparação física e na recuperação das capacidades determinantes para o desempenho no futebol, ainda que a potência aeróbia pareça não se alterar de maneira significativa entre puberdade (Borges e colaboradores, 2004).

No teste de velocidade em 30m a média de 5'5'', bastante satisfatória, como preconiza Ré e colaboradores (2005): a variação em sujeitos entre 14 e 16 anos vai de 4'85'' a 5'32''.

É comum ganho acentuado nessa capacidade ao final da adolescência, devido ao aumento da capacidade anaeróbia e força de explosão (Pinho e colaboradores, 2005), entretanto, para Quintal (2005) os valores médios de velocidade tendem a diminuir com o tempo de treinamento e após a maturação

física completa, a tendência de performance do grupo nessa capacidade é muito boa.

Os dados obtidos em relação a flexibilidade dos jovens levantados neste estudo foi de 103,21cm. Weineck (1999) ressalta que durante a puberdade há diminuição dos graus de flexibilidade causada pela diminuição da resistência mecânica do aparelho motor passivo devido a alterações hormonais; e reforça que a diminuição da flexibilidade ocorre na pré-puberdade 11 á 13 anos devido o aumento da força. Os estudos de Braz e Arruda (2008) corroboram com o autor e observam que, após inicio da puberdade, os índices voltam a crescer.

Os atletas investigado tiveram de 2,14m no salto horizontal. Ré e colaboradores (2007), Machado (2004) encontraram números entre 1,98m e 2,23m nesta fase.

Borges (2001) relata que o esperado na fase puberal é entre 1,71m e 2,01m. Braz e Arruda (2008) ressaltam que a força muscular parece ser desenvolvido entre as idades de 13 e 18 anos, tanto pelo crescimento ósseo quanto muscular, ocorrendo devido ao aumento das concentrações hormonais, fazendo com que as ações de alavancas

umentem mais tardiamente suas relações com a performance da musculatura.

Assim, os resultados estão adequados ou acima ao encontrado na literatura, sinalizando boa possibilidade de performance no que diz respeito a força e potencia de membros inferiores.

No teste de resistência anaeróbica a média foi de 255m. De acordo com Malina e Bouchard (2002) os ganhos para capacidade anaeróbica estão associados com a entrada no período pubertário.

Reforçando, Weineck (1999), afirma que atividades que envolvam capacidade anaeróbia não devem ser trabalhadas no período da pré-puberdade como com adultos, isso porque a cargas anaeróbicas em jovens pré-púberes aumentam gradativamente as taxas de catecolaminas, sendo desfavorável. Desta forma, essa variável deve ser melhor desenvolvida após a puberdade, sendo menos relevante nesse período.

Para a agilidade, a média foi de 20'96". Diaz (2007) corrobora, encontrando em jovens púberes a média de 20'49". A maturação biológica pareceu não influir nos teste de agilidade (Silva e colaboradores 2006).

Na Tabela 5, os dados obtidos são as avaliações das habilidades de condução.

Quanto ao desempenho motor, Braz e Arruda (2008) ressaltam que o período entre 12 e 15 anos parece ser o mais suscetível a alterações, devido a mudanças hormonais, o acréscimo de massa muscular e a maior experiência motora compreendida pelos sujeitos de mais idade.

Os achados desta pesquisa em relação à habilidade de condução (9''30''') corroboram com o estudo de Campos (2004): média de 9''49''.

Na habilidade de passe, nosso estudo teve media de 5,36, pouco superior aos estudos de Martins e Pena (2009), com média de 5 pontos. Já na habilidade chute obtivemos 37,86 pontos como média, muito superior a média de 20,84 pontos encontrada em escolinhas de futebol por Martins e Pena (2009), evidenciando que os atletas selecionados pelo clube de nossa pesquisa estão realmente acima da média de garotos não federados.

A Tabela 6 apresenta os dados encontrados no teste de conhecimento processual de Kora:OO.

Tabela 5 - Pontuação das habilidades motoras

Nº Atleta	Habilidades (s)			
	Passes	Chutes	Pontos	Condução
14				
Média	5,36	37,86	43,21	9''30'''
DP	+0,56	+46,43	+46,65	+7'90'''

Tabela 6 - Conhecimento tático processual

14 Atletas	Variáveis		
	Convergente	Divergente	Pontos
Média	5	4	9
DP	2	2	3,04

Em relação a inteligência tática, em que tivemos média 5 para o pensamento convergente e 4 para o divergente, recorremos ao estudo de Giacomini e Greco (2008) com atletas da categoria sub-15 de um clube de futebol profissional da cidade de Belo Horizonte (participante de campeonato estadual, nacional e internacional), que apresenta a mesma media de 5 pontos no pensamento convergente, e média 3 no pensamento divergente, em que nosso grupo

apresentou 4 pontos, manifestando desempenho superior.

CONCLUSÃO

O presente estudo vem com um propósito de oferecer dados a treinadores, técnicos e comissão técnica durante a procura de jovens atletas talentosos, devido segundo Lanaro Filho, Böhme (2001) que destacam que o prognostico feito, sem auxilio de instrumentos científicos podem acarretar

Revista Brasileira de Futsal e Futebol

ISSN 1984-4956 *versão eletrônica*

Periódico do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Ensino em Fisiologia do Exercício

www.ibpex.com.br / www.rbff.com.br

muitos erros, sendo assim o método de identificação de talento feita de forma subjetiva não seria então a única forma de detecção e seleção segundo Rodrigues e Bezerra (2009).

Seguindo o proposto por autores como, Bompa (2002), Zakharov, Gomes (2003); Dantas (2003); e Böhme (2007), foram selecionados e organizados uma bateria de teste, no qual todos o métodos aplicados já se encontram existentes na literatura pelo o qual são validados cientificamente, os teste compunham todas as características e variáveis do desporto, o futebol, no qual foram aplicados á jovens talentosos pré selecionados.

Entretanto, os dados apurados neste estudo com jovens futebolistas apresentaram concordância com o método de seleção natural, mas conhecido como peneiras, sendo que esse grupo e sujeito foram selecionados neste método com sucesso.

Sinalizamos a necessidade de novos estudos que indiquem aproximação (como em nossa pesquisa) ou distanciamento entre o modelo subjetivo e outros com maior respaldo científico para a detecção de jovens jogadores talentosos de futebol.

Mais que isso, uma vez formado um grupo de jovens para o desenvolvimento no futebol, sinalizamos para a importância do acompanhamento constante e em longo prazo de seu desenvolvimento biopsicossocial, sendo os testes aqui sinalizados uma possibilidade para tal, evitando processos de especialização precoce, assim como de sub-desenvolvimento do atleta em fases adiantadas, processos que podem prejudicar o processo de desenvolvimento esportivo e humano do jovem talento de futebol.

REFERÊNCIAS

1-Araújo Junior, J.F. Análise da potencia anaeróbia de adolescentes em relação ao gênero, maturação biológica e nível de atividades físicas. Dissertação de Mestrado Programa de Pós-Graduação em Ciência Biológicas do Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento da Universidade do Vale do Paraíba. São José dos Campos. UniVap. 2006.

2-Böhme, M.T.S. O tema talento esportivo na ciência do esporte. Revista Brasileira Ciência e Movimento. Vol. 15. Núm. 1. p. 1-4. 2007.

3-Böhme, M. T. S. Treinamento a Longo Prazo e o Processo de Detecção de Talentos Esportivos. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Vol. 21. Núm. 2. 2000.

4-Bompa, T. O. Periodização: teoria e metodologia do treinamento. Phorte. 2002.

5-Borges, F. S.; e colaboradores. Perfil antropométrico e metabólico de rapazes pubertários da mesma idade cronológica em diferentes níveis de maturação sexual. Revista Brasileira de Ciência e Movimento. Vol. 12. Núm. 4. p. 7-12. 2004.

6-Borges, G. A. Influência do crescimento e adiposidade corporal no desempenho motor de escolares de 14 a 17 anos de Marechal Cândido Rondon. Dissertação de Mestrado em Educação Física. USP. 2001.

7-Brandão, M. R. F. Perfil psicológico - uma proposta para avaliar atletas. Revista Brasileira de Ciência e Movimento. Vol. 7. Núm. 2. p.16-27. 1993.

8-Braz, T. V.; Arruda, M. Diagnóstico do desempenho motor em crianças e adolescentes praticantes de futebol. Movimento e percepção. Espírito Santo do Pinhal. Vol. 11. Núm. 13. p. 1-24. 2008.

9-Campos, R. S. Estudo comparativo das habilidades motoras e cognitivas em praticantes de futebol de diferentes locais de prática. Dissertação de Mestrado em Educação Física. Universidade Federal do Paraná. 2004.

10-Cavasini, S. M.; Matsudo, V. K. R. Método simples de avaliação psicológica na área das atividades físicas e esportivas, Revista Brasileira de Ciência do Esporte. Vol. 1. Núm. 3. 1980.

11-Chipkevitch, E. Avaliação clínica da maturação sexual na adolescência. Jornal Pediátrico. Vol. 77. Núm. 2. p. 1-8. 2001.

Revista Brasileira de Futsal e Futebol

ISSN 1984-4956 *versão eletrônica*

Periódico do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Ensino em Fisiologia do Exercício

www.ibpex.com.br / www.rbff.com.br

- 12-Dantas, E. H. M. A prática da preparação física. Rio de Janeiro. Shape. 2003.
- 13-Dias, N. M. M. Maturação sexual, morfologia e aptidão desportivo-motora em jovens futebolistas do escalão de infantis. Dissertação de mestrado em treino desportivo para crianças e jovens na especialidade de ciências do desporto. Faculdade de ciências do desporto e educação física. Universidade de Coimbra. 2007.
- 14-Eurofi Handbook. Comitato Olimpico Nazionale Italiano, (CONI). Rome. Vol. Esp. Núm. Esp. p.78-79. 1988. Disponível em: <www.bitworks-engineering.co.uk> Acesso em: 18/06/2012.
- 15-Giacomini, D. S.; Greco, P. J. Comparação do conhecimento tático processual em jogadores de futebol de diferentes categorias e posições. Revista Portuguesa de Ciência do Desporto. Porto. Vol. 8. Núm. 1. p. 1-10. 2008.
- 16-Hebbelinck, M. Identificação e desenvolvimento de talentos no esporte: Relatos Cine antropométricos. Revista Brasileira de Ciência e Movimento. Vol. 4. Núm. 1. p.1-17. 1989.
- 17-Jackson, A.S.; Pollock, M.L. Generalized equations for predicting body density of men. Br J Nutr. Vol. 40. p.497-504. 1978.
- 18-Joch, W. O talento esportivo: identificação, promoção e perspectivas do talento. Rio de Janeiro. Publishing House Lobmaier. 2005.
- 19-Kiss, M. A. P.; e colaboradores. Desempenho e talentos esportivos. Revista Paulista de Educação Física. São Paulo. Vol. 18. Núm. esp. p.1-6. 2004.
- 20-Lanaro Filho, P.; Böhme, M. T. Detecção, seleção e promoção de talentos esportivos em Ginástica rítmica desportiva: um estudo de revisão. Revista Paulista de Educação Física. São Paulo. Vol. 15. Núm. 2. p.1-8. 2001.
- 21-Lima, D. A.; e colaboradores. A maturação sexual e a idade cronológica durante um processo de detecção, seleção e promoção do talento esportivo nas categorias de base do futebol de campo. Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte. São Paulo. Vol. 7. Núm. 3. p. 1-7. 2008.
- 22-Loehr, J. E. The new toughness training for sports: Mental, emotional, and physical conditioning. Nueva York. A Plume Book. 1995.
- 23-Machado, D. R. L. Maturação esquelética e desempenho motor em crianças e adolescentes. Dissertação de Mestrado Escola de Educação Física e Esporte. Universidade de São Paulo. 2004.
- 24-Malina, R. M.; Bouchard, C. Atividade física do atleta jovem: Do crescimento á maturação. São Paulo. Roca. 2002.
- 25-Malina, R. M. Growth and maturation: Normal variation and effect of training. Journal Perspective in Exercise Science and Sports Medicine. Indianapolis. Vol. 2. Núm. esp. p. 223-265. 1989.
- 26-Martin, D.; e colaboradores. Handbuch Kinder-und Jugendtraining. Schorndorf. Verlag Karl Hofman. 1999.
- 27-Martins, F. M.; Pena, P. T. Comparação dos métodos de ensino global e parcial no desenvolvimento das habilidades específicas do futebol: chute condução e passe. TCC em Licenciatura em Educação Física. Escola Superior de Cruzeiro. Cruzeiro. 2009.
- 28-Mcable, J. F.; Mcardle, W. D. Team sports skill test . In H.J. Montoye (Ed). An introduction to measurement in physical education. Boston: Allyn and Bacon. 1978.
- 29-Nobre, G. C.; e colaboradores. Análise antropométrica, níveis de composição corporal e perfil somatípico de jogadores das diferentes categorias de futebol de campo. Conexões. Campinas. Vol. 7. Núm. 3. p. 1-12. 2009.
- 30-Pereira, J. L. Correlação entre desempenho técnico e variáveis fisiológicas em atletas de futebol. Dissertação de Mestrado Educação Física no departamento de educação física. setor de ciências biológicas. Universidade Federal do Paraná. 2007.

Revista Brasileira de Futsal e Futebol

ISSN 1984-4956 *versão eletrônica*

Periódico do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Ensino em Fisiologia do Exercício

www.ibpex.com.br / www.rbff.com.br

31-Pinho, S. T.; e colaboradores. Adaptações ao treinamento ao futebol. In: Simpósio nacional de educação física. p. 19. 2005. São Paulo. Anais... 2005.

32-PROESP-BR. Projeto esporte Brasil. Disponível em: <http://www.proesp.ufrgs.br/proesp/index.php?option=com_content&view=article&id=2&Itemid=8> Acesso em: 26/10/2012.

33-Quintal, A. J. Seleção de futebolistas infante juvenis. Dissertação em Ciências do desporto na área de especialização em desporto para crianças e jovens. Faculdade de Ciências do desporto e de educação física. Universidade do Porto. 2005.

34-Ré, A. H. N.; e colaboradores. Relações entre crescimento, desempenho motor, maturação biológica e idade cronológica em jovens do sexo masculino. Revista Brasileira de Educação Física Esporte. Vol. 19. Núm. 2. p.1-9. 2005.

35-Reilly, T. Energetics of high-intensity exercise (soccer) with particular reference to fatigue. Journal of Sports Sciences. Vol. 15. Núm. 3. p. 257-263. 1997.

36-Rodrigues, A. L. L.; Bezerra, E. L. Análise dos Métodos de detecção e seleção de jovens talentos das categorias de base de clubes profissionais do estado de São Paulo. TCC de Graduação em Educação Física. Faculdade de Educação Física, Escola Superior de Cruzeiro. 2009.

37-Samulski, D.; Chagas, M. H. Análise do estresse psíquico na competição em jogadores de futebol de campo das categorias infantil e juvenil (15 – 18 anos). Revista Brasileira de Ciência e Movimento. Vol.7. Núm. 4. p.1-6. 1992.

38-Silva, J. T.; e colaboradores. Associação entre shuttle run e shuttle run com bola e sua relação com o desempenho do passe no futebol. Revista Brasileira Ciência e Movimento. Vol. 14. Núm. 3. p.1-7. 2006.

39-Simões, A. C.; e colaboradores. Participação dos pais na vida esportiva dos filhos. Revista Paulista de Educação Física. São Paulo. Vol. 13. Núm. 1. p.1-11.1999.

40-Vivolo, M. A.; Matsudo, V. K. R.; Caldeira, S. Estudo antropométrico de escolares de São Caetano do Sul através do somatotipo de heayh-carter. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Vol. 1. Núm. 1. p 68.1979.

41-Weineck, J. Treinamento ideal. São Paulo. Manole. 1999.

42-Weineck, J. Biologia do Esporte. São Paulo. Manole. 2000.

43-Zakharov, A.; Gomes, A. C. Ciência do treinamento desportivo. Rio de Janeiro. Palestra Sports. 2003.

Recebido para publicação em 14/02/2013

Aceito em 31/03/2013